



GÊNERO E POLÍCIA MILITAR: APROXIMAÇÕES ENTRE A PERFORMANCE EM BUTLER E OS TIPOS PSICOLÓGICOS DE JUNG

Gender and military police:

Approximations between Butler's performance and Jung's psychological types

Emília Silva Poderoso*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade propor uma aproximação entre os conceitos de performance de gênero em Butler e a tipologia psicológica de Jung na estruturação da personalidade e atuação dos indivíduos no contexto laboral, para além dos conceitos cristalizados de gênero. Para esse diapasão, realizamos um estudo teórico de dois autores (Butler e Jung), considerando a interface do ambiente profissional da polícia militar. A análise apontou para uma aproximação entre os conceitos de Butler e Jung, com a identificação do corpo como instrumento de atuação simbólica de um “fazer” através da repetição estilizada de atos e de uma tipologia modal relacionada a profissão, bem como uma fluidez na perspectiva identitária dos sujeitos (homens e mulheres), para além das categoriais fixas/estruturais de gênero, considerando as características de personalidade como parte inerente da constituição dos indivíduos e sujeitos a mudanças e incorporações de novos modos de “ser” e “agir”. Consideramos por este conduto, que estudos que visem contribuir e analisar contextos sociais desiguais, como ocorre em relação ao gênero nos ambientes profissionais, fomentando olhares que visem minimizar tais desigualdades, são de extrema relevância social, bem como para o campo científico, principalmente se considerarmos a formulação de futuras ações e propostas interventivas nesses ambientes profissionais.

Palavras-chave: Categorização. Performatividade de gênero. Teoria Junguiana.

Abstract: This present article proposes an articulation between the concepts of Butler's gender performance and Jung's psychological typology in structuring the personality and performance of individuals in the work context, beyond the crystallized concepts of gender. For this objective, we carried out a study of the two authors (Butler and Jung), considering the professional environment of the military police. The analysis pointed to a beneficial approximation between the concepts of Butler and Jung, with the identification of the body as an instrument of symbolic performance of a "doing" through the stylized repetition of acts and a modal typology related to the profession, which

* Psicóloga, Doutoranda em Psicologia, Mestra em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: emilyspoderoso@academico.ufs.br



points to a fluidity in the identity perspective of the subjects (men and women), beyond the fixed/structural gender categories, considering the personality characteristics as an inherent part of the individuals' constitution and subject to changes and incorporation of new ways of "being" and "acting". In this way, we consider that studies that aim to contribute and analyze unequal social contexts, as it occurs to gender in professional environments, endorsing views that intent to minimize such inequalities, have extreme social relevance, as well as for the scientific field, especially if we consider the design of future actions and intervention proposals in these professional environments.

Keywords: Categorization. Gender Performativity. Jungian Theory.

Introdução

O termo "gênero" foi ganhando destaque no cenário de debates e discussões como categoria de análise em vários estudos acadêmicos, a partir do movimento feminista, para tratar, principalmente, das questões que envolvem as desigualdades que marcam as experiências das mulheres nas diversas situações e contextos sociais, conduzidos a partir de diferentes enfoques. Gênero é ainda uma categoria analítica e, portanto, pode ser utilizada para explicitar as relações sociais entre pessoas de diferentes sexos, orientação sexual, bem como atribuir uma variedade de sentidos a essas diferenças que ocorrem nas diferentes culturas ao longo da história e das sociedades¹.

Um dos olhares mais influentes na atualidade é a perspectiva teórica de Judith Butler², que desenvolveu seus argumentos sobre o "gênero" analisando o corpo como sendo crucial nos processos de discriminação, além de considerar a problemática das estruturas de poder que moldam nossa vida psíquica e dão suporte ao padrão de heteronormatividade, e da análise do gênero e a linguagem. Criou o termo "performatividade de gênero", a qual estaria ligada a ideia de que a performance se dá em qualquer corpo, desvinculado da ideia de que cada corpo corresponderia a um gênero específico por sua natureza.

Butler realiza sua crítica à identidade de gênero, ao considerá-la como o resultado de uma construção social, na qual não existem papéis de gênero fundamental ou biologicamente intrínsecos à natureza humana, mas sim formas socialmente variáveis de desempenhar um ou mais de um desses papéis. Para Butler, não há uma identidade de gênero por trás das manifestações do gênero; essa suposta identidade é, performativamente constituída, pelas próprias "expressões", tidas como seus resultados.

Carl Gustav Jung³, dissidente de Freud, também se debruçou sobre o estudo do feminino e masculino, ao considerá-los como polos opostos e complementares na psique do indivíduo. É

¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

² BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

³ JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



dele a criação dos termos arquétipos de *ânima* e *animus*. A *ânima* se referindo a uma figura interior na psique dos homens (como tendências psicológicas femininas positivas e/ou negativas, tais como: humores, intuições, sensibilidade), enquanto o *animus* vai se referir a figura interior na psique das mulheres (o elemento masculino interior, tais como: convicção, firmeza, tendência à violência).

Jung desenvolveu sua teoria em torno do que ele chamou de “processo de individuação”, no qual o autor vai considerar como sendo uma busca do sujeito pela integração, ou totalidade, que seria a integração e desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Também se dedicou ao estudo dos tipos psicológicos presentes na personalidade, os quais, após delimitação tipológica em dezesseis subtipos, considerou a possibilidade de serem analisados e comparados, devido a sua natureza mais ou menos estável em nosso psiquismo.

Pode-se considerar a feminilidade e masculinidade como construções culturalmente aprendidas ao longo do processo de socialização e, portanto, não são imutáveis, estando sujeitos a constantes transformações⁴. Ambientes profissionais como a policial militar, proposta de análise desse estudo, conforme alguns pesquisadores^{5, 6, 7, 8 e 9} se configura como um excelente indicativo para percepção desse processo de modificação no cenário social.

Diante desse panorama, no presente artigo, e observando estudos do contexto da polícia militar, consideramos, apesar de formulações teóricas em campos epistemológicos distintos, a existência de similitudes nas proposituras teóricas de Butler e Jung, no tocante as formas de atuação dos sujeitos. Ambos consideram que os sujeitos seguiriam padrões internos mais ou menos estáveis, no entanto, não estariam circunscritos às definições fixas existentes em relação a categorização de gênero (masculino e feminino), ou seja, estariam muito mais ligados a perfis psicológicos, formas de funcionamento psíquico (modo de fazer ou funcionar) que independem das demarcações hierarquizantes do gênero.

⁴ KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade. **Revista Do CEAM**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 63-81, 2015.

⁵ CALAZANS, Márcia Esteves de. **A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul**. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

⁶ SOARES, Barbara Musumeci; MUSUMECI, Leonarda. **Mulheres policiais: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

⁷ CAPELLE, Mônica Carvalho Alves. **O trabalho feminino no policiamento operacional: subjetividade, relações de poder e gênero na oitava região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2006. 378 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

⁸ MOREIRA, Rosemeri. **“Entre o escudo de minerva e o manto de Penélope”**: a inclusão de mulheres na Polícia militar do Estado do Paraná (1975-1981). 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

⁹ SCHAETAE, Andréa Mazurok. **Farda e batom, arma e saia: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-2000)**. 2011. 282 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Categorização de gênero e profissão militar

Na perspectiva da cognição social, nas nossas relações sociais ocorre o processo conhecido como categorização¹⁰. Categorizar seria um processo inevitável, além de um componente essencial da cognição¹¹. Ela permite uma redução da complexidade acerca de determinado conteúdo, quanto na formulação de inferências em razão da falta de informações a respeito de algo, pois elas ajustam as experiências com objetos conhecidos do sujeito em um esquema mental existente, proporcionando a assimilação de novos objetos a partir da aplicação de um rótulo verbal, permitindo assim uma melhor adaptação ao ambiente.

O processo de categorização exerce um papel importante para o sujeito, pois permite um tratamento mais eficiente das informações no mundo físico e social, o que seria uma forma de simplificação, de diferenciação entre o (nós) e (eles), e esse processo teceria um sentimento de inclusão social ampliado, criando um impacto motivacional potente no desenvolvimento do autoconceito¹² (ex.: categoria: homem e mulher). No entanto, para a cognição social, umas das consequências mais diretas da categorização social, seria o favorecimento das ações e interpretações em termos de estereótipos, uma vez que ocorre a criação de etiquetas aplicáveis aos grupos sociais, com a conseqüente minimização da percepção das diferenças entre membros de grupos distintos¹³.

No contexto da polícia militar, observamos a força de atuação desse fenômeno através da tentativa de delimitação simbólica de espaços para seus profissionais, onde “supostamente” é reservado a mulher determinadas tarefas, a exemplo das funções administrativas, como umas das formas de naturalização da desigualdade de gênero, tendo como decorrência a diferenciação através do sexo¹⁴. Nessa seara profissional, tanto os policiais homens como as mulheres, relatam que ainda persiste um tratamento diferenciado, bem como uma tendência da instituição militar em proteger mais as mulheres, além de uma valorização dos homens nesse ambiente laboral.

A perspectiva de gênero de Judith Butler

A filósofa Judith Butler aborda inicialmente sua teoria a partir do que ela considera como aprisionamento coercitivo que se constitui nos conceitos “homem” e “mulher”, engessado em estudos sobre sexualidade. Tais abrangências conceituais acabam por excluir outros tipos de

¹⁰ BRUNER, Jerome S. On Perceptual Readiness. **Psychological Review**, Washington, v. 64, n. 2, p. 123-152, 1957.

¹¹ BROWN, Rupert. **Prejudice: its social psychology**. Oxford: Blackwell, 2000.

¹² PEREIRA, Marcos E. Cognição social. In: CAMINO, Leoncio *et al* (org.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 191-259.

¹³ TAYLOR, Shelley E. A Categorization Approach to Stereotyping. In: HAMILTON, David L. (ed.). **Cognitive Processes in Stereotyping and Intergroup Behavior**. Hillsdale: Erlbaum, 1981. p. 83-114.

¹⁴ SCHAETAE, 2011.

manifestações sexuais, como o caso dos gays e das lésbicas, travestis etc. Esse debate epistemológico trazido por Butler destina-se a superar os problemas teóricos dentro dos estudos de gênero, ao trazer uma teoria feminista que pretende romper com a existência de um sujeito prévio a toda escolha possível¹⁵.

Essa perspectiva da autora acarreta numa ruptura com o binarismo homem/mulher, tendo como premissa não compreender o gênero como algo fixado e sustentado num discurso universal, transcendendo a questão homem-mulher. A autora considera a ideia de gênero como performativo, ou seja, pode se dar em qualquer corpo, desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. O que Butler propõe é repensar o corpo, não mais como um dado natural, mas como efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero.

O gênero, sendo criado mediante *performances* sociais contínuas significaria dizer que as próprias noções de sexo essencial, e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes, seriam constituídas como parte de uma estratégia ideológica que busca ocultar o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de propagação das configurações de gênero fora dessas estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória¹⁶.

Performance e disciplina: o corpo como expressão do simbólico na profissão polícia militar

A performance, seja na arte ou no campo do gênero, seja como uma forma de atuação política, invoca o corpo ao mesmo tempo que o sujeito. No entanto, apesar da condição primordial de um corpo para sua ocorrência, em todas as manifestações do indivíduo, o que se destaca é que não se trata de um corpo enquanto imagem unificada ou mesmo narcísica. Nos termos de Butler, esse corpo performático é aquele que não possui uma essência, mas aquele que revela sua vulnerabilidade e sua condição precária¹⁷.

“Se a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos”¹⁸, os enunciados linguísticos passam a ser vistos como tendo efetivamente um poder, que se insere no modo de fazer alguma coisa acontecer ou trazer algum fenômeno à existência no instante em que ocorre a sua enunciação. Um bom exemplo disso é o uso da farda nas forças policiais que, por si só, funciona como elemento simbólico de performatividade. As instituições militares são historicamente disciplinares e atuam

¹⁵ BUTLER, 2019.

¹⁶ BUTLER, 2019.

¹⁷ BUTLER *apud* FORTES, Isabel. A performance como linguagem: corpo, ato, gênero e sujeito. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 44-50, maio/ago. 2020.

¹⁸ BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 35.



com a produção de leis e regulamentos predominantes que repercutem diretamente nos corpos dos sujeitos¹⁹.

Corpos disciplinados são, portanto, corpos sujeitados. Tal sujeição é, literalmente falando, a feitura de um sujeito, um princípio regulador na qual o sujeito é formulado e reproduzido. O que ocorre é que, durante toda a vida das pessoas, os indivíduos são sujeitados às normas sociais, institucionalizações, obrigações, privilégios, entre outros²⁰.

Em um estudo de Grisoski²¹, realizado com mulheres no exercício profissional em instituições policiais, em uma análise das interações entre os conceitos de performatividade e disciplina, apontaram para o uso da farda e seus efeitos simbólicos na atuação profissional e na vida dessas mulheres, como exemplo, a internalização da disciplina e da postura policial em outros contextos, para além do ambiente laboral, ou seja, essas mulheres incorporam esse modo de ser tanto quanto os homens na profissão militar.

Esses achados de Grisoski se articulam positivamente com a denominação de gênero na teoria de Butler, para afirmar que o “gênero” seria uma identidade fragilmente constituída ao longo dos anos a partir de atos performativos, ou seja, de repetições de normas e atos que constituem e regulam os corpos. O que torna o gênero nada mais que a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos na interioridade de uma estrutura reguladora extremamente rígida e cristalizada no tempo²².

Por outro conduto, estudos ainda afirmam ser possível classificar as pessoas a partir de determinados tipos de atitudes e comportamentos, a despeito da delimitação essencialista de “gênero”, e que essas classificações podem ser definidoras dessas escolhas profissionais e pelo ambiente de trabalho. Essa perspectiva não é nova, outros autores já haviam trazido essa questão, ou seja, os estudos dos traços e perfis de personalidade²³.

Os tipos psicológicos de Jung e escolha profissional

O psiquiatra Suíço Carl G. Jung trouxe uma importante contribuição para o mundo acadêmico e para o conhecimento da tipologia humana, o livro intitulado “Tipos psicológicos”²⁴, no

¹⁹ MENDES, Cláudio L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/17993/16941>. Acesso em: 10 jul. 2022.

²⁰ BUTLER, 2019.

²¹ GRISOSKI, Daniela C. A farda simbólica: diálogos entre performatividade e disciplina. **Revista TEL – Tempo, Espaço, Linguagem**, Irati, v. 11, n. 1, p. 102-113, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/17247>. Acesso em: 05 ago. 2022.

²² BUTLER, 2019.

²³ ZACHARIAS, José J. de Moraes. **Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo**. 1994. 236 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

²⁴ JUNG, Carl G. **Tipos psicológicos**. Trad. Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Zahar, 1981.



qual o autor traça um quadro teórico sobre os tipos de personalidade. Seu trabalho foi fruto de mais de vinte anos de observação empírica²⁵.

Falar de tipos psicológicos na perspectiva de Jung significa classificar as pessoas em determinados tipos de atitudes e comportamentos. Essa perspectiva, *a priori*, não é recente, existe de longa data, considerando o sistema de tipologia baseado na análise do comportamento humano a partir do plano emocional ou temperamental²⁶. Contudo, houve um acréscimo a partir de Jung, com a introdução do conceito de energia psíquica, bem como pela predominância com que o sujeito se orienta em relação ao mundo ao redor.

Jung, partindo de sua análise dos estudos de Freud e Adler, conclui que existiriam dois tipos de pessoas: uma inclinada para o objeto e outra interessada mais por si mesma, formulando posteriormente os conceitos de introversão e extroversão²⁷. Para Jung, falar sobre essas duas disposições ou atitudes psíquicas de fluidez da libido (energia psíquica) era necessário para entender o funcionamento da personalidade. A introversão seria uma disposição de fora para dentro da psique, na qual as atitudes seriam orientadas por fatores subjetivos, internos (ideais, conceitos e objetos), já a extroversão seria a disposição de dentro para fora da psique, com as atitudes sendo orientadas por fatores objetivos, externos (ideias, conceitos e objetos)²⁸.

Jung afirma que a introversão e a extroversão estariam presentes em todas as pessoas, de forma oposta e complementar. Uma estaria orientada como disposição principal, diferenciada, no nível consciente, e a outra estaria como disposição inferior, indiferenciada, funcionando a nível inconsciente, como por exemplo: Uma pessoa funcionando com disposição no plano consciente e diferenciada com extroversão, no nível inconsciente e indiferenciada, seria introvertida. Em linhas gerais, esse indivíduo socialmente falando, seria considerado uma pessoa *extrovertida*.

Outro fator importante trazido por Jung, além das disposições/atitudes dos sujeitos, em termos de introversão e extroversão, foi a introdução das funções psíquicas, consideradas a partir de duas orientações: *funções irracionais* – Sensação e Intuição e *funções racionais* – Pensamento e Sentimento. Essas funções, a qual Jung classificou de funções racionais e irracionais, foram, posteriormente, acrescidas dos termos (percepção e julgamento) dados por Myers e Briggs, para dar origem ao inventário de personalidade para diagnóstico dos tipos psicológicos, o MBTI (*Myers-Briggs Type Indicator*)²⁹.

²⁵ JUNG *apud* ZACHARIAS, 1994.

²⁶ CAMPOS, Ana C. Gonçalves. **Tipos psicológicos e profissões**: Um estudo exploratório. 2005. 71 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2005.

²⁷ HALL, James A. **A experiência Junguiana** – Análise e individuação. São Paulo: Cultrix, 1986.

²⁸ JUNG, 1981.

²⁹ RAMOS, Luís M. Alves. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade "Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)": contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 137-180, 2005.



A função percepção (ou irracionais) conhecida como *sensação* privilegiaria as informações recebidas pelos órgãos dos sentidos, com a constatação de uma presença sensorial do ambiente, considerando prioritariamente o “aqui e agora”. Já a função *intuição* iria além das sensações, seria uma busca dos significados, relações e possibilidades futuras em relação as informações recebidas. Uma apreensão perceptiva dos fenômenos (pessoas, objetos e fatos) através do inconsciente, a intuição veria a natureza “oculta” por traz dos fenômenos.

A função julgamento (ou racionais) conhecida como pensamento, seria uma função responsável por discriminar, julgar e classificar os fenômenos a partir da razão, uma busca pela avaliação objetiva, analisando os “prós” e “contras” da natureza dos fenômenos. Enquanto o sentimento faria uma avaliação dos fenômenos a partir de uma dimensão mais valorativa, analisando se eles são agradáveis ou desagradáveis. Para Jung, assim como o pensamento, ele também julga, porém, não na lógica da razão, mas a partir da lógica dos valores pessoais, os quais também são influenciados pelos valores sociais. Nesse quesito, a função sentimento não se confunde com emoção e afeto, posto que o sentimento está muito mais associado a uma dimensão valorativa de julgamento, e na emoção o que se tem é uma grande intensidade de energia chegando e realizando alterações orgânicas no indivíduo³⁰.

Segundo Jung, todas as pessoas possuem disposição psíquica (introversão e extroversão), com o predomínio de uma em relação a outra, bem como as quatro funções psíquicas, também funcionando em graus diferentes de potência. Como segue: 1) função principal; 2) função auxiliar; 3) função terciária; e 4) função inferior³¹. Atualmente temos testes psicológicos que auxiliam na identificação dessa tipologia, considerados a partir dos estudos de Jung. Os principais são: Gray Wheelwright, o Myers-Briggs Type Indicator (MBTI), o Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI) e o Sistema *Insights Discovery*.

Pensando o uso desses testes e a questão da polícia militar, temos Zacharias que concluiu seu estudo para a tese de doutoramento, realizado com trezentos e trinta e três policiais militares na cidade de São Paulo, entre recrutas e veteranos, nos vários batalhões da instituição, com ambos os sexos e idades entre dezoito e quarenta e quatro anos. Essa pesquisa contou com o auxílio do teste psicológico MBTI (Myers-Briggs Type Indicator), além de um teste piloto sobre autoimagem, e, após finalizar seus estudos, formulou o questionário amplamente utilizado em avaliação tipológica laboral e para orientação profissional, e que conhecemos atualmente como QUATI³².

Podemos inferir, considerando os estudos supracitados, que o exercício profissional na polícia militar exige um estilo comportamental e de personalidade muito particular (atuando sobre homens e mulheres da corporação), com uma predominância tipológica que o autor vai caracterizar

³⁰ JUNG, 1981.

³¹ JUNG, 1981.

³² ZACHARIAS, 1994.



como “modal”, ou seja, a mais adequada/esperada para aquela atividade específica, com consequências positivas e negativas em relação a esta mesma atividade³³.

Aproximações entre Butler e Jung: um olhar a partir de alguns estudos do contexto da polícia militar

Mesmo de modos independentes entre si, tanto em Butler como em Jung, observamos a tentativa comum de desconstrução de limitações sociais impostas aos seres humanos. Butler³⁴ traz sua problemática em torno do “gênero” buscando desconstruir essa leitura das identidades de gênero como forma de identificar pessoas, pois a considera apenas mais uma forma de oprimir e limitar as singularidades humanas, de impor uma lógica de gênero que consolida e naturaliza as diversas formas de opressão masculina e heterossexista nos mais variados contextos sociais (ex.: espaços públicos e privados).

Observamos também em Jung³⁵, quando tenta ampliar o olhar de Freud para além dos complexos edipianos, para formatar a sua teoria em torno do desenvolvimento dos potenciais criativos, da união dos polos opostos no psiquismo, entre eles, as polaridades do feminino e masculino (*ânima* e *ânimus*³⁶). Jung busca expandir o olhar para a identificação de possíveis inclinações de atitudes comportamentais e perfis de personalidade, os quais consideramos como funcionando de forma mais ou menos estáveis, porém, vistos como passíveis de aprimoramento e inclusão de novos conteúdos à personalidade, sobretudo por não serem tidos como fixos (como ocorre na perspectiva essencialista de gênero), ou seja, estamos sujeitos a novas incorporações a partir da análise, elaboração, aprimoramento e desenvolvimento dos potenciais do indivíduo.

Para Butler, a performance de gênero introduz uma denúncia do caráter performativo do próprio termo gênero, na medida que ele desestabiliza as categorias naturalizadas, em relação a identidade e quanto ao próprio gênero³⁷. O que se concebe enquanto eu, trata-se muito mais desses traços psíquicos adquiridos a partir das relações primordiais desde a infância, visando a constituição do próprio sujeito ao longo da vida. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, uma classe natural de ser.”³⁸

Observando outra pesquisa, com a Polícia Militar do Paraná, a qual apresenta que existe uma produção dos corpos dos sujeitos em corpos de policiais, tendo como uma ideia primordial a

³³ ZACHARIAS, 1994.

³⁴ BUTLER, 2019.

³⁵ JUNG, 2008.

³⁶ Polos opostos no psiquismo do indivíduo, e que uma vez integrados à dinâmica da personalidade do sujeito, permitem uma melhor adaptação social, bem como um sentimento de inteireza interior.

³⁷ FORTES, 2020.

³⁸ BUTLER, 2019, p. 69.



normatização de gênero ocorrida no seio da instituição, com os sujeitos performando de acordo com as normas institucionais cristalizadas, o que fazem com que, homens e mulheres possam se constituir e se identificar como policiais³⁹.

Tomando a profissão policial militar como parâmetro, teríamos o efeito da performatividade da farda, além de um processo seletivo que já busca reunir em seu corpo institucional um tipo de perfil, ou de traços psicológicos adequados a função, sejam eles homens ou mulheres. Conforme também aponta os estudos de Zacharias, que avaliou os traços de personalidade de trezentos e trinta e três policiais no estado de São Paulo, em que percebeu as características ou tipos psicológicos predominantes naquela profissão. Para Zacharias, a combinação tipológica predominante em policiais (homens e mulheres) sugere um quadro geral ligado a existência da Síndrome de John Wayne, e que se caracterizaria por um tipo de personalidade amparado na figura do herói, com forte traço de deferência aos superiores hierárquicos, alto rigor aos subordinados, bem como uma tendência a negação de valores pessoais ou comunitários, e na qual o rigor da lei estaria acima de pessoas e circunstâncias⁴⁰.

O que parece existir é exatamente essa confluência entre a seleção de traços adequados a profissão, oriundos da combinação de diversos fatores, considerados ao longo da existência do indivíduo, aliado ao processo institucional diuturno de forte regulação dos corpos, através do poder disciplinar e, principalmente, do uso paulatino da farda, que atua também de forma simbólica, da exigência de condutas, seguida da internalização dessas normas pelos policiais, performando tanto homens quanto mulheres ao modo de ser polícia. Nesse quesito, o gênero enquanto lógica essencialista perderia espaço para se pensar em performatividade, como proposto por Butler, combinados com a existência dos traços de personalidade, perfis, tipos psicológicos adequados a uma dada situação ou condição, como bem introduz Jung, os quais não estão adstritos a lógica simplista presente na binariedade de gênero.

Para a teoria de traços, proposto por Allport e também presente em Jung, existem muitos fatores que determinam o comportamento do indivíduo, a partir de uma hierarquia que vai do mais específico ao mais genérico. Ele define ainda traço de personalidade como uma estrutura neuropsíquica com capacidade de fazer com que muitos estímulos se tornem funcionalmente equivalentes entre si, bem como a capacidade de iniciar e orientar formas equivalentes de comportamentos que visam a adaptação e a expressão⁴¹. Ainda para Allport, esses traços seriam essencialmente únicos a cada indivíduo, mas dentro de uma dada cultura, existem traços comuns, que são partes dessa mesma cultura, e que todos reconhecem e nomeiam. E são através desses

³⁹ GRISOSKI, 2020.

⁴⁰ ZACHARIAS, 1994.

⁴¹ ALLPORT, Gordon W. **The nature of prejudice**. 25. ed. Reading: Addison-Wesley, 1979.

traços, comuns a maioria das pessoas de uma certa cultura, e que podem ser efetivamente comparados, a exemplo dos testes de personalidades criados para este fim⁴².

Como ocorre normalmente no processo de inserção profissional na seara militar, em cujos editais de convocação são selecionados os futuros policiais (baseados em critérios pré-estabelecidos), tais como: aptidão física, aptidão psicológica, além de pesquisa criteriosa de conduta social. Temos com isso que, uma parte inerente da inserção na polícia militar, é a seleção a partir de um perfil desejado⁴³ para, posteriormente, adequar esse “sujeito” a partir de treinamentos e vigilância hierárquica, para que desenvolva comportamentos, gestos, atitudes e atividades próprios da instituição, local onde esses corpos são performados⁴⁴.

Algo ainda a considerar em termos de desenvolvimento da personalidade é a concepção de Jung e sua visão de homem individuado, ou seja, do homem em busca de sua inteireza, do desenvolvimento de seus potenciais, voltando-se para a ampliação e aprimoramento de atitudes e funções (superior e inferior), seguindo em direção a integração das diferentes polaridades em si, buscando tornar-se um ser inteiro, ao que Jung vai chamar de processo de individuação⁴⁵. Nesse campo, e considerando a lógica dos tipos psicológicos de Jung, não se trata apenas de uma conformação às demandas profissionais e sociais como uma forma de adequação apenas, mas, do desenvolvimento do próprio indivíduo em sociedade, consciente de si, de seus potenciais criativos e mais consciente das ideologias sociais existentes.

Atualmente, tanto as identidades de gênero quanto a orientação sexual do indivíduo desafiam a consciência coletiva e vão além do binarismo. O que sabemos é que essa supervalorização do masculino e a repressão do feminino, decorrentes desse processo, além de ideológica, tem herança na cultura judaico-cristã⁴⁶. O discurso religioso ajudou a formatar no mundo ocidental cristão (alimentado em crenças judaicas) um ideário acerca dos papéis sexuais de homens (de provedores e gestores da família) e de mulheres (o lar e o cuidados dos filhos), cuja sociedade estaria alicerçada sob a figura do patriarca, baseados em aspectos puramente biológicos, com o estabelecimento de uma variedade de restrições e interditos sociais, e que tem seus efeitos até os dias atuais.

No entanto, com a questão “trans”, por exemplo, muda completamente tudo. O que temos atualmente é uma imprevisibilidade, não se trata mais apenas de refletir em termos “dois” gêneros e de vinculações ideológicas e religiosas, mas, realmente, de considerarmos uma (re)categorização,

⁴² ZACHARIAS, José J. de Moraes. **QUATI** – Questionário de Avaliação Tipológica. Versão II. Manual. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Vetor, 1999.

⁴³ ZACHARIAS, 1994.

⁴⁴ GRISOSKI, 2020.

⁴⁵ JUNG, Carl G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1980.

⁴⁶ AUFRANC, Ana Lia B. Expressões da sexualidade: um olhar junguiano. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v36n1/07.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.



de enquadrarmos o “novo” em outros parâmetros e de considerar o humano, em suas várias dimensões da personalidade⁴⁷.

Considerações finais

Ao compreendermos a forma como uma determinada sociedade é regida, e ao percebermos todas as implicações sociais envolvidas, se torna papel essencial dos diversos campos do conhecimento científico, como a sociologia, psicologia, filosofia, antropologia etc., interferirem nesses processos, analisando as suas problemáticas, buscando alternativas para proporcionar esse desmascaramento do que temos como normal e natural, mas, que, na verdade, são modelos limitados/restritivos do ser humano.

Nestes termos, concordamos com a linha de pensamento de Butler e Jung em relação aos sujeitos, sejam eles considerados numa perspectiva performática (enquanto estratégia política de saída de uma encruzilhada delimitadora e hierarquizante de gênero), ou enquanto concepção em torno da variedade tipológica de perfis de personalidade, para pensarmos em um não determinismo dos gêneros, na qual homens e mulheres partilhariam muitas das mesmas contrastantes e diferentes formas de temperamentos ao longo da vida.

Poderíamos então considerar a possibilidade de um total deslocamento da ênfase que existe nos papéis sexuais atualmente exercidos, reforçados através de uma suposta classificação hegemônica de masculino e feminino, para uma nova ênfase sobre seres humanos com personalidades distintas. Concluindo que o indivíduo é singular e pode expressar seu gênero de forma tão distinta e variada quanto for possível em sua alteridade.

Importa ainda considerar que esses padrões aprendidos na família e na sociedade são repetidos no contexto profissional, dentro das organizações (ainda como a lógica da divisão de espaços público e privado), e apesar de observarmos muitas mudanças na atualidade, ainda existe o predomínio de homens em cargos de liderança, em posições sociais de destaques e com melhores salários no ambiente laboral, o que nos impele a realizar, constantemente, questionamentos dessas representações de gênero tradicionais que ainda contribuem com a manutenção dos discursos de fatalidade e naturalização das diferenças entre homens e mulheres.

Referências

ALLPORT, Gordon W. **The nature of prejudice**. 25. ed. Reading: Addison-Wesley, 1979.

⁴⁷ AUFRANC, 2018.



AUFRANC, Ana Lia B. Expressões da sexualidade: um olhar junguiano. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v36n1/07.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BROWN, Rupert. **Prejudice: its social psychology**. Oxford: Blackwell, 2000.

BRUNER, Jerome S. On Perceptual Readiness. **Psychological Review**, Washington, v. 64, n. 2, p. 123-152, 1957.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CALAZANS, Márcia Esteves de. **A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul**. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CAMPOS, Ana C. Gonçalves. **Tipos psicológicos e profissões: Um estudo exploratório**. 2005. 71 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2005.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves. **O trabalho feminino no policiamento operacional: subjetividade, relações de poder e gênero na oitava região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2006. 378 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FORTES, Isabel. A performance como linguagem: corpo, ato, gênero e sujeito. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 44-50, maio/ago. 2020.

GRISOSKI, Daniela C. A farda simbólica: diálogos entre performatividade e disciplina. **Revista TEL – Tempo, Espaço, Linguagem**, Irati, v. 11, n. 1, p. 102-113, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/17247>. Acesso em: 05 ago. 2022.

HALL, James A. **A experiência Junguiana – Análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 1986.

JUNG, Carl G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1980.

JUNG, Carl G. **Tipos psicológicos**. Trad. Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Zahar, 1981.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade. **Revista Do CEAM**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 63-81, 2015.

MENDES, Cláudio L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993/16941>. Acesso em: 10 jul. 2022.



MOREIRA, Rosemeri. **“Entre o escudo de minerva e o manto de Penélope”**: a inclusão de mulheres na Polícia militar do Estado do Paraná (1975-1981). 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

PEREIRA, Marcos E. Cognição social. *In*: CAMINO, Leoncio *et al* (org.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 191-259.

RAMOS, Luís M. Alves. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade “Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)”: contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 137-180, 2005.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. **Farda e batom, arma e saia**: a construção da polícia militar feminina no Paraná (1977-2000). 2011. 282 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOARES, Barbara Musumeci; MUSUMECI, Leonarda. **Mulheres policiais**: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TAYLOR, Shelley E. A Categorization Approach to Stereotyping. *In*: HAMILTON, David L. (ed.). **Cognitive Processes in Stereotyping and Intergroup Behavior**. Hillsdale: Erlbaum, 1981. p. 83-114.

ZACHARIAS, José J. de Moraes. **Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional**: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo. 1994. 236 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ZACHARIAS, José J. de Moraes. **QUATI** – Questionário de Avaliação Tipológica. Versão II. Manual. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Vetor, 1999.

Recebido em: 15 set. 2022.

Aceito em: 14 dez. 2022.